

**O POETA ZÉ LIMEIRA NO IMAGINÁRIO DO CANCIONEIRO
BRASILEIRO – RELAÇÕES ENTRE CULTURA LETRADA E ORAL**

**EL POETA ZÉ LIMEIRA EN EL IMAGINARIO DEL REPERTORIO DE
LA CANCIÓN BRASILEÑA - RELACIONES ENTRE LITERATURA Y
CULTURA ORAL**

**THE POET ZÉ LIMEIRA IN THE IMAGINARY OF THE BRAZILIAN
SONG REPERTOIRE - RELATIONSHIPS BETWEEN LITERATE AND
ORAL CULTURE**

Pedro Araujo Oliveira

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Escola de Música

Rio de Janeiro – RJ - Brasil

Titulação: Discente do Curso de Mestrado em Música na linha Educação Musical

<https://orcid.org/0000-0001-7742-1549>

E-mail: mpedroanimacao@gmail.com

ARTIGO CIENTÍFICO

Submetido em: 18/04/2022

Aprovado em: 03/05/2022

RESUMO

Este artigo discorre sobre as relações de alguns compositores de um cancionero letrado com um poeta e cantador analfabeto elevado a status mitológico - Zé Limeira, conhecido como o Poeta do Absurdo, a cujas incertas autorias foram atribuídos versos de fantástica imaginação e delírio, sendo por vezes comparados à literatura surrealista.

Palavras-Chave: Zé Limeira. Orlando Tejo. Poesia oral.

RESUMEN

Este artículo analiza las relaciones de algunos compositores de un cancionero letrado con un poeta y cantante analfabeto elevado a la categoría de mitológico - Zé Limeira, conocido como el Poeta do Absurdo, a cuya incierta paternidad literaria se atribuían versos de imaginación fantástica y delirio, siendo a veces comparados con literatura surrealista.

Palavras Clave: Zé Limeira. Orlando Tejo. Poesía oral.

ABSTRACT

This article talks about the relations of some literate songwriters with an illiterate poet and singer raised to mythological status – Zé Limeira, known as the Poet of Absurd, whom uncertain authorships were assigned verses of fantastic imagination and delirium, being sometimes compared to surrealist literature.

Keywords: Zé Limeira. Orlando Tejo. Oral Poetry.

1 INTRODUÇÃO

Zé Limeira nasceu em Teixeira, sertão do estado da Paraíba, em 1886, e morreu em 1955. Repentista conhecido pela sua figura excêntrica – alto, lenço no pescoço, vistosos anéis nos dedos e voz possante – mas sobretudo pelos seus versos, ao mesmo tempo de rima e métrica em acordo com preceitos ditos “eruditos”, mas aparentemente, absoluta ausência de significado lógico. Essa ausência se expressa em uma licença poética que, por exemplo, entrelaça, de forma desconexa, figuras e fatos históricos ou distorce e mistura localidades geográficas. Como aparece em alguns versos que lhe são atribuídos:

Quando D. Pedro II
Governava a Palestina
E Dona Leopoldina
Devia a Deus e o Mundo
O poeta Zé Raimundo
Começou castrar jumento,
Teve um dia um pensamento:

Tudo aquilo era boato,
Oito noves, fora quatro,
Diz o Velho Testamento. (TEJO, 1974, p.100)

O aparente tresvario do poeta também se expressava por vezes através da criação de neologismos aparentemente destituídos de significados, como por exemplo, pilogamia:

Um dia o Reis Salamão
Dormiu de noite e de dia,
Convidou Napoleão
Pra cantá pilogamia
Viva a Princesa Isabé
Que já morô em Sumé
No tempo da monarquia (TEJO, 1974, p.86)

O texto de Zé Limeira também se caracterizava pela irreverência e ausência de protocolos para com padrões e autoridades. Como exemplifica José Américo de Almeida, em seu prefácio para o livro Zé Limeira, o poeta do absurdo, sobre o vate:

Na presença de um governador de Estado, saudou a primeira dama, depois de ter ouvido o parceiro esbofar-se em suas loas, com esta porcaria imprópria:

Doutô, como eu não tenho um brinde em nota,
Que possa oferecer à sua esposa,
Dou-lhe um quilo de merda de raposa
Numa casca de cana piojota. (ALMEIDA in TEJO, 1974, p.15)

Essas características o diferenciaram profundamente de outros versadores do universo do qual participava, dos desafios da Cantoria nordestina. Por elas, o poeta adquiriu certo status mítico e provocou dúvidas a respeito de ter sido alguém que de fato existiu ou se foi um personagem inventado. Analfabeto, não deixou registros escritos de sua obra. De acordo com a edição do dia 20/05/2021 do podcast Expresso Ilustrada, contido na seção de mesmo nome do site do jornal Folha de São Paulo, o apresentador relata aos 8m50s que “Os versos do Zé Limeira não foram registrados de maneira formal e atravessaram gerações pela memória de admiradores e amantes da poesia popular.”

2 Divulgação de Zé Limeira na cultura letrada

Diz-se que Zé Limeira era aclamado pelo povo das localidades em que se apresentava pelos sertões. Segundo Astier no podcast, aos 8m20s:

[...] Então, existe uma certa representação de Zé Limeira dentro do universo da Cantoria. Alguém cujos versos eram repetidos como forma de extrair o humor da plateia. Então, muitos repentistas sabiam versos de Zé Limeira de cor, recitavam-nos... porque, assim, no meio da Cantoria é muito comum que os versos sejam decorados, né. Então, a gente tem uma tradição que é uma tradição centenária, então muito do que foi transmitido de grandes repentistas do passado foram transmitidos dessa forma – pela via da memória, pela via da oralidade. (ASTIER, 2021. Informação verbal)

No entanto, Limeira não alcançou fama nos grandes centros urbanos até que o jornalista e poeta Orlando Tejo, de Campina Grande, lhe divulgou para círculos literários de acadêmicos. Tejo, que quando criança e adolescente viu os improvisos do cantador, assim relata em seu livro:

[...] os repentes limeirianos foram tão pouco difundidos, que os grandes centros urbanos do Nordeste o aceitam, ainda, como uma figura mitológica. Sua ausência nos círculos da elite literária foi tão acentuada que, em 1956, Ascenço Ferreira, de saudosa memória, propalava no Recife que eu havia criado um personagem extraordinário, ‘um tal José Limeira, da Paraíba’. Ascenço, como inúmeros intelectuais pernambucanos, chegou mesmo a duvidar da existência do Poeta. E só se convenceu de que ele existira, realmente, porque levei à sua presença oito cantadores paraibanos que encheram toda uma noite com o recitativo de versos limeirianos.” (TEJO, 1974, p.36)

Orlando Tejo era intelectual acadêmico, fundador de publicações literárias e autor de versos parnasianos. Dessa forma, exerce uma função de elo entre dois mundos poéticos aparentemente díspares: de um lado; o parnasianismo, considerado pela intelectualidade acadêmica como um estilo de alta erudição, que prima pela alta elaboração da norma linguística “cult”; de outro, o que a elite letrada da época (e quiçá alguns ainda de hoje) considerava, tomando de empréstimo alguns termos de prefaciadores do livro de Tejo ou do próprio autor, “poesia plebeia”, versos de “rapsodos bárbaros”, de um “aedo inculto” e de “menestréis selvagens”. Nas palavras de Virgínius da Gama e Melo,

[...] o autor do livro e o biografado tem muito um do outro. Apenas Orlando, erudito e culto, trabalha as formas poéticas de vanguarda, e também o soneto. Quer dizer: harmonia, lógica, bom senso. Limeira era o caótico. Em tudo. (MELO in TEJO, 1974, p.2)

Astier Basílio, escritor e pesquisador da vida e obra de Zé Limeira, tece considerações sobre o assunto. Em entrevista para a edição do dia 20/05/2021 do podcast Expresso Ilustrada, pertencente ao site do jornal Folha de São Paulo, Astier diz aos 9min que:

[...] os repentistas, de certa forma, desde sempre quiseram adquirir aceitação social de um extrato urbano... porque a cantoria, ela é do meio rural, vinculada com pobreza, então eles estavam sempre querendo a aceitação desses grupos com, vamos dizer assim, melhor posicionamento social. E o Zé Limeira era uma figura que representava tudo aquilo que os cantadores não queriam. Era alguém que se vestia de forma espalhafatosa, que não prezava pelo português correto... então era aquela imagem do cantador mais romantizada que os repentistas estavam querendo, a toda força, cada geração de certa forma tentando aperfeiçoar, de modo a que se refinasse e se pudesse pleitear a aceitação desses meios sociais. (ASTIER, 2021. Informação verbal)

A respeito da motivação da ampla divulgação que Orlando Tejo fez da pessoa e obra de Zé Limeira, Basílio crê que teria sido por escárnio e não por admiração. O jornalista teria, com a citação dos versos aparentemente loucos de Zé Limeira, apenas a intenção de debochar de intelectuais que estavam levando a sério as inovações poéticas introduzidas por artistas da Semana de Arte Moderna de 1922 que abandonavam as “formas perfeitas” da poesia parnasiana. Basílio, aos 10m25s de sua entrevista, nos diz que Orlando Tejo

Era alguém que estava contra a, digamos assim... estava muito revoltado com o fato de se levar a sério muitos poemas sem pé nem cabeça. Então ele quis fazer uma grande brincadeira. O que é que ele faz... ele pega um poeta do universo da cultura popular oral e tenta levar a sério. Ele faz uma exegese de um maluco pra dizer: “olhe, vocês dos suplementos literários do país inteiro, quando vocês estão levando a sério esses poemas sem pé nem cabeça, vocês estão fazendo exatamente o que eu estou fazendo.” Tanto é que no livro do Zé Limeira tem um capítulo todo dedicado a esculhambar com a vanguarda. Esse capítulo é fundamental. Esse capítulo é, a meu ver, a partir do qual toda a obra de Tejo se fundamenta. E é nesse capítulo que ele mais ficcionaliza. Ele inventa poetas, ele inventa poemas pra esses poetas, porque ele estava com o objetivo de dizer assim: “olha, o rei tá nú”. Ele queria falar pra poesia brasileira. Só que, pra fazer isso, ele utilizou um palhaço da poesia popular. Só que o palhaço era muito mais importante do que a demanda que ele queria colocar. E fugiu do controle dele. (ASTIER, 2021. Informação verbal)

Suponho que um dos trechos do livro de Orlando Tejo a qual Basílio se refere seja este:

Não seria estranhável se a obra de Zé Limeira, pela originalidade, pela excentricidade, pelo absurdo, por tudo o que é, motivasse o aparecimento de uma nova escola, como as que se têm formado no Brasil, conseqüentes do Movimento de 1922, após o que surgiu no País verdadeiro exército de “gênios”. (TEJO, 1974, p.36)

As aspas na palavra gênios, conforme o trecho citado acima, sugere-nos, de fato, uma ironia a respeito da autenticidade dos intelectuais entusiastas da Semana de 1922. Na página seguinte do livro, Tejo explicita a crítica apontada por Basílio. As queixas ainda apontam para um alvo mais específico – se dirigem não somente a estes literatos, mas também a interpretações que estes fazem a respeito de Zé Limeira:

Por ocasião de um coquetel com que os geógrafos de Recife homenageavam Gilberto Osório, na Torre de Londres, em 1957, ouvi do poeta José Siqueira sobre o alvo deste trabalho: "... O estilo desse cantador é **nítido-abstracional-impressionista**". E, na mesma oportunidade, e de poetas com assento no Savoy: surrealista bárbaro, **ultra-sincretista e futurista nitidista** (?). Tais interpretações não passariam, todavia, de mais uma loucura do século. [...] Aqueles, no entanto, apesar de "bem intencionados", só não me surpreenderam estupidamente porque partiam de uma plêiade de literatos que se ufanava em propagar um poema de Euclides Gregório que terminava assim:

"... Já o meu coração, sim,
Poderá ser uma poça de
Iluminados elefantes
Que colhes com lábios amarelos
Para destrinchar a touceira de sonhos
Machucados por meus pés de ar
Que na solidão das ladeiras
Pisam o infinito marron (sic)
Dos teus saborosos desaforos". (TEJO, 1974, p.38)

No entanto, ao longo do livro, Tejo parece demonstrar sincera admiração pela qualidade dos versos de Zé Limeira. Suas louvações não me parecem, como crê Basílio, deboches e paródias. O jornalista, dentro de seus preceitos parnasianos, não deixa de criticar uma suposta ausência de lógica na poesia de Zé. Mas, ao mesmo tempo, louva-lhe, por exemplo, o caráter inovador e a riqueza de imaginação. Como demonstra o seguinte trecho:

A História não acolhe apenas os cultores da perfeição artística, mas abre suas portas para todo aquele que inovar a sua arte, que abrir um roteiro positivo dentro da sua arte. É isto Limeira fez. A obra que deixou é mais do que um roteiro vago, porquanto é uma forte motivação para estudos de maior profundidade, o que tentarei fazer nos próximos livros, uma vez que esta poesia, que vem agora integrar-se no campo mais legítimo da poética nordestina, merece ser interpretada por um estudo de maior sensibilidade, para que possa, destarte, haver uma penetração mais profunda da obra, pois é de concluir que ela, estudada à luz da análise, venha revelar o que, lida, ouvida ou sentida assim superficialmente, não nos chega à assimilação desejada. (TEJO, 1974, p.37)

Desta forma, Tejo conclui a crítica aos colegas literatos colocando que a obra de Zé Limeira merece um estudo mais aprofundado do que era feito até o momento. Trata-se, a meu ver, de mais uma demonstração de respeito do jornalista ao Poeta do Absurdo.

3 A musicalidade de Zé Limeira e a música sobre Zé Limeira

Há outra característica que Tejo louva na obra de Zé Limeira. Segundo o intelectual, "[...] pelo menos um dos imprescindíveis requisitos da boa poesia encontra-se nos versos do Poeta do Absurdo, que é a métrica impecável [...]" (TEJO, 1974, p.38). Suponho que é nesse sentido de "perfeição" métrica que o jornalista diz que:

O bom cantador, a rigor, é aquele que, além de deter necessárias virtudes artísticas, valor intrínseco, prima pelo ritmo do verso, pela riqueza de sua música, não esquecendo o nexos das palavras e esmaltando, com as cores dos sons, os mais deslumbrantes cenários do sonho. José Limeira foi por excelência um músico. A natural música dos seus repentistas teria sido um prêmio da Natureza para compensar a permanente ausência de sentido poético. A lira selvagem que tangeu, sentiu, realmente, as verdadeiras vibrações da música. (TEJO, 1974, p.39)

Ainda na mesma página, Tejo conclui:

José Limeira tinha a música tão em si, tão dentro, tão sua, que essa sensibilidade foi uma constante em todos os seus momentos do aedo inculto. Não é que ele se preocupasse com essa faceta da poesia, porque talvez haja desaparecido sem saber que foi antes de tudo músico, ou apenas um músico, prosaico e inconsciente, mas músico. Todo músico. (TEJO, 1974, p.39)

Dentro das concepções de Tejo a respeito de como os repentistas atribuem ênfases ao texto ou a música, essas características se constituem em um valor considerável. De acordo com o jornalista, muitos excelentes versadores desse universo, malgrado a qualidade literária, desconsideram a “musicalidade” do texto.

A sonoridade que transbordava na verve do Poeta do Absurdo é um requisito quase ausente na maioria dos poetas da viola, embora eles não aceitem, de bom grado, a realidade desta observação. Mas, em verdade, nem todo cantador alcança a significação que tem a música para o repente. Eles atentam mais para a harmonia das rimas, para a forma puramente literária da composição, às vezes para o problema da adjetivação, e, de um modo geral, para o sentimento do poeta, que reputam a dignidade da arte. Nisto, são naturalmente meticolosos e chegam a ser, por vezes, geniais. Muitos deles não percebem, porém, que a música para o verso é tão imprescindível quanto o espaço para o condor. Por não sentir a significação de um simples hiato, podem eles deixar de produzir autênticas obras primas. (TEJO, 1974, p.40)

O jornalista louva a habilidade de Zé com as 10 cordas e, conforme conta depoimento aos 1m45s do documentário O homem que viu Zé Limeira, diz que sua voz “fazia inveja a Nelson Gonçalves”. Outros relatos presentes no filme corroboram a opinião de que o poeta cantava bem. Conta-se também que havia um registro gravado da cantoria de Zé Limeira, mas infelizmente não foram encontradas referências de se ainda existe e como se teria acesso a esse material.

De toda forma, dada essa introdução que conta como um poeta formado na cultura oral passa a ter um status elevado dentro de uma cultura letrada, agora fazemos uma transição no trabalho. Passa-se da questão puramente textual para falarmos da influência que o universo criado pelo cantador exerceu nos músicos de diversas gerações para além de seu círculo específico de repentistas.

3 A MUSICALIDADE DE ZÉ LIMEIRA E A MÚSICA SOBRE ZÉ LIMEIRA

3.1 Emicida e Belchior

Na música AmarElo, o rapper Emicida sampleia e reproduz os versos tornados famosos por Belchior em sua famosa música Sujeito de Sorte – hoje tomada quase como um hino de protesto por uma juventude do presente: “Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro / Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro”. Para não deixar dúvidas de a quem credita o refrão, comenta aos 4m55s da música: “Belchior tinha razão” .

Segundo o verbete sobre Belchior no site do Dicionário Cravo Albin da Música Brasileira, o cantor

Estudou piano e música coral, sendo também programador da rádio da sua cidade natal. Em 1962, mudou-se para Fortaleza onde estudou Filosofia e Humanidades. Começou a estudar Medicina, mas abandonou o curso no quarto ano, em 1971, para dedicar-se à carreira artística. (site Dicionário Cravo Albin da Música Brasileira, 2022)

Diz-se que o cantor cearense, por sua vez, pegou esses versos de Zé Limeira. Essa tese é defendida por, entre outros, Astier Basílio. Aos 6m41s de sua entrevista para o Expresso Ilustrada, o pesquisador relata que a referência mais antiga que encontrou das estrofes é de uma matéria da revista Veja de 1968 com o, constantemente presente nesta temática, Orlando Tejo. Na matéria, Tejo declama exatamente as palavras do refrão cantado anos mais tarde por Belchior, e os credita à Limeira. A música Sujeito de Sorte só foi lançada em 1976, no disco Alucinação.

3.2 Zé Ramalho

O compositor Zé Ramalho, em entrevista concedida ao jornal O Estado de São Paulo, em 03/03/2014, também cita o verso popularizado por Belchior, creditando-o à Zé Limeira. No contexto, Ramalho usa-o para falar dos rumores a respeito de seu próprio falecimento que havia recentemente circulado na imprensa:

Ora, quando deram esta notícia de que eu tinha morrido, eu estava fazendo show em Salvador. Estava em uma turnê pelo estado da Bahia e vi a aflição dos empresários de locais onde eu iria me apresentar para desmentir e confirmar a minha presença. Cito aqui o grande poeta do absurdo, Zé Limeira, que disse: "Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro". (site ESTADÃO, 2014)

Não encontrei outros registros de Zé Ramalho com considerações mais extensas a respeito de Zé Limeira. Porém, ao menos três de suas canções citam no título o Poeta do Absurdo: A Peleja de Zé Limeira no Final do 2º Milênio, Visões de Zé Limeira Sobre o Final do Século XX e O Apocalipse de Zé Limeira.

Segundo o site oficial de Zé Ramalho, o compositor, nascido na cidade de Brejo do Cruz, sertão da Paraíba, também teve contato com a formação universitária. “Passou no vestibular de Medicina da UFPB, mas abandonou o curso no segundo ano, pois a música já falava mais alto dentro de seu coração e ouvidos.” Segundo citação do repórter Maurício Kubrusly em livro de Carlos Marcelo e Rosualdo Rodrigues (2012), Ramalho seria um exemplo de “pop nordestino” (MARCELO; RODRIGUES, 2012, p.308). Mais adiante, na mesma publicação, a cantora Marinês, a seu respeito, diz que “Ele é aquele tipo de violeiro que faz um Nordeste sofisticado, mas que não deixa de ser um retrato fiel de nossa terra” (MARCELO; RODRIGUES, 2012, p.309).

À título de curiosidade, o blog Acervo Cultural Zé Ramalho atribui ao escritor Arievaldo Viana Lima um cordel intitulado A Peleja de Zé Limeira com Zé Ramalho da Paraíba. Entre as estrofes do duelo poético imaginário, se encontra o recorrente neologismo pilogamia atribuído a Limeira:

Zé Ramalho

Meu professor Zé Limeira
Vim atender seu pedido
Cantar contigo um martelo
Todo em bemol suspenso
Pegue o bordão da viola
Que eu quero ouvir o tinido!

Zé Limeira

Eu sei que tu és sabido
Formado em Pilogamia
Só canta prosopopéia
Ao pingaço do meio dia
Mas eu vim do “Puigatóro”
Escanchado numa jia. (site Acervo Cultural Zé Ramalho)

Segundo o site da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Erievaldo é

Poeta popular, radialista e publicitário, nasceu em Fazenda Ouro Preto, Quixeramobim-CE, aos 18 de setembro de 1967. Desde criança exercita sua verve poética, mas só começou a publicar seus folhetos em 1989, quando lançou, juntamente com o poeta Pedro Paulo Paulino, uma caixa com 10 títulos chamada Coleção Cancão de Fogo. É o criador do Projeto ACORDA CORDEL na Sala de Aula, que utiliza a poesia popular na alfabetização de jovens e adultos. Em 2000, foi eleito membro da ABLC, na qual ocupa a cadeira de nº 40, patronímica de João Melchíades Ferreira. Tem cerca de 50 folhetos e dois livros publicados: O Baú da Gaiatice e São Francisco de Canindé na Literatura de Cordel. (site ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL)

3.3 Vital Farias

Outra questão sobre registros a respeito de Zé Limeira se dá, neste caso, sobre quem primeiro escreveu sobre ele. Apesar da ampla divulgação publicada a seu respeito, em 1973, por Orlando Tejo no livro Zé Limeira – O Poeta do Absurdo, o cantador Vital Farias, paraibano de Taperoá, conta em uma de suas apresentações: “A primeira vez que se escreveu alguma coisa sobre Zé Limeira, fui eu que escrevi, em 1972, juntamente com Cláudio Limeira, parente de Zé Limeira”. (vídeo Vital Farias Canta Zé Limeira, site YouTube) No mesmo registro, aos 53 segundos, dá-se outra discrepância: o artista aponta sua cidade natal como local de nascimento do Poeta do Absurdo, contradizendo a afirmação de diversas fontes de que seria natural da cidade de Teixeira. Outro trecho que chama atenção na fala de Vital é quando dá ao poeta a alcunha de Surrealista dos Pobres – uma correlação entre a obra de Zé ao movimento artístico de vanguarda intelectual da Europa no Século XX. Vital é um homem que, em sua formação cultural, mistura traços de erudição acadêmica com a valorização da cultura de sua terra. Conforme matéria do Jornal da Paraíba do dia 23/01/2013,

Minha faculdade foi de música erudita. Inclusive hoje está tudo mais aberto. Se você tocasse uma música popular, você era mal visto. Só poderia tocar a clássica”, conta Vital, lembrando que, mesmo nessa época, levou para se apresentar na faculdade dois cantadores de viola: Gavião e João de Lima. “Hoje em dia está tudo se absorvido, mas foi preciso brigar. (site JORNAL DA PARAÍBA)

De acordo com o verbete sobre Vital Farias no Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira, este, ao se mudar para a capital da Paraíba na juventude, “passou a dar aula de violão e teoria musical no Conservatório de Música de João Pessoa. Em 1975, mudou-se para o Rio de Janeiro e, no ano seguinte, foi aprovado no vestibular para a Faculdade de Música.” Na seção Dados Artísticos, o mesmo verbete registra que

No Rio de Janeiro intensificou o contato com artistas de teatro, cinema e música. Em 1975, participou do show de inauguração da Sombras. Em 1976, atuou como músico na peça "Gota d'água", de Chico Buarque de Hollanda. Nesse período intensificou seus estudos de História, Política e Filosofia, ao mesmo tempo que mantinha estudos sobre a Literatura de Cordel. (site DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA)

3.4 Chico César

Este cantor paraibano, natural da cidade de Catolé do Rocha, é uma das referências mais conhecidas da década de 1990 dentre os artistas que misturam referências tradicionais nordestinas a um espectro híbrido com a música urbana moderna. Ainda que nenhuma de suas letras faça referência direta a Zé Limeira, cita-o como grande fonte de inspiração para sua criação. Conforme matéria e entrevista cedida ao jornal Correio Braziliense e publicada em 22/10/2016,

Os lances caprichosos do destino fortaleceram os laços de Chico com a literatura e com a música. Quando tinha 8 anos de idade, ele passou a trabalhar na loja de discos e de livros Lunik na função de vendedor. Enquanto comercializava os produtos culturais, ouvia Chico Buarque, Jackson do Pandeiro, Rolling Stones, Luiz Gonzaga e Roberto Carlos. Mas também lia Menino de engenho, de José Lins do Rêgo, O menino do dedo verde, de Maurice Cruon (sic), ou coletâneas de contos da Editora Ática. (site CORREIO BRAZILIENSE)

Chico César conta que, além de vender as publicações, aproveitava para lê-las. Entre as referências que cita, estão escritores que também transitam entre o universo oral e círculos eruditos, como João Guimarães Rosa e Ariano Suassuna. E entre músicos, cita, entre outros, Elomar Figueira de Mello – outro artista que, em sua obra, aborda os dois universos. No entanto, em outro trecho da entrevista, diz que

No meu caso particular, a maior influência é, na verdade, de Zé Limeira, o poeta do absurdo, com cordel surreal. A postura dele influenciou muito a mim, ao Chico Science, ao Otto e outros que beberam na fonte do surrealismo nordestino. E, claro que tem João Cabral, Manuel Bandeira e Guimarães Rosa, mas entrando como ingredientes desse caldeirão nordestino. (site CORREIO BRAZILIENSE)

Em outro momento da conversa para o Correio Braziliense, um trecho significativo é o que indica sua iniciação na literatura através dos cordéis, antes de se envolver com uma literatura de origem mais urbana e acadêmica. Talvez se possa indicar que a literatura de cordel seja uma ponte entre uma cultura letrada que capta de forma mais próxima o mundo oral de poetas do sertão nordestino, e o mundo da literatura urbana. Prosseguindo na entrevista, quando perguntado como se deu sua iniciação com a literatura e com a palavra, Chico César conta que:

Na verdade, começa em minha infância quando morava na zona rural, no interior da Paraíba. Quando ia fazer a feira, o meu pai trazia sempre um folheto de cordel ou o folheto de uma canção. A família sempre incentivou para que eu lesse cordel ou canção para todos. A literatura vinha associada aos bens de primeira necessidade, como o arroz, o feijão, a abóbora ou a goiabada. (site CORREIO BRAZILIENSE)

Até então, o cantor discorreu sobre texto. Quando perguntado como a literatura e a música se juntaram em sua produção, o artista conta que

Foi algo muito natural, uma continuidade de ouvir os cantadores de feira, os cantadores de cordel. Eu ia à feira e a literatura era cantada. A palavra tinha um papel importante. A poesia está mais perto da canção do que da prosa. A poesia é algo para ser falado, interpretado e cantado; e a prosa é mais para ser lida. O ambiente que a prosa pede é mais de introspecção. A poesia pede mais alguém para ser compartilhada. Pede para ser dita em voz alta. (site CORREIO BRAZILIENSE)

Dessa forma, Chico César aproxima a poesia da oralidade e da musicalidade. A prosa, em sua concepção, estaria mais próxima da escrita.

Para além de uma inserção autodidata em uma literatura considerada erudita como complementaridade a seu apreço pela poesia popular, Chico César conta na matéria que trabalhou como jornalista em João Pessoa, capital da Paraíba, e em São Paulo. Segundo o verbete do artista no site do Dicionário da Música Brasileira Cravo Albin, o músico

[...] cursou o pré-vestibular ingressando no curso de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. Mudou-se para São Paulo no fim de 1984, onde trabalhou como jornalista e começou a fazer pequenos shows em bares e teatros alternativos. Por essa época, fez amizade com Arrigo Barnabé, Itamar Assumpção e outros da vanguarda paulista conhecida como Lira Paulistana. Trabalhou como redador-musical (sic) da revista "Elle". Em 2005 lançou o livro de poesias "Cantáteis - Cantos elegíacos de amizade" (sic) (Editora Garamond), e posteriormente, o livro de poemas "Rio Sou Francisco". No ano de 2010 a convite de Ricardo Coutinho, Prefeito de João Pessoa, assumiu a presidência da Fundação Cultural João Pessoa. No ano seguinte, em 2011, desta vez a convite do então governador do Estado da Paraíba, Ricardo Coutinho, assumiu o cargo de Secretário de Cultura da Paraíba, no qual permaneceu até o ano de 2014. No ano de 2016 lançou o terceiro livro de poesia intitulado "Versos pornográficos" (Editora Confraria do Vento), com prefácio de Márcio André e ilustrações da húngara Sári Szántó. (site DICIONÁRIO DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA CRAVO ALBIN)

Chico César, então, se apresenta como mais um músico que, em sua obra, dialoga sua formação acadêmica com a cultura oral. No caso, apontando-a como maior referência. Por fim, um aspecto que chama atenção, em um trecho de sua fala, é o apontamento de consonâncias entre a poesia de Zé Limeira e o surrealismo, assim como Vital Farias o fez. Essa ligação também aparece citada entre alguns literatos no livro de Orlando Tejo sobre o Poeta do Absurdo. Porém, em alguns casos de depoimentos no livro do Tejo, a comparação pode vir,

simultaneamente, carregada de preconceitos acadêmicos. Como escreve José Américo de Almeida, em um dos prefácios da publicação a respeito das invenções de Zé Limeira:

Deverá ser levado para o campo psiquiátrico ou seria um fenômeno de intuição surrealista? Orlando Tejo examina bem esse aspecto. Sabemos o que significa o automatismo contra a reflexão. Mas não se encontra nessa poesia plebeia nenhum laivo do subconsciente ou do onírico; o que se observa é mera confusão. [...] Uma coisa é ser hermético e outra é ser desconexo. Temos mostras de surrealismo em alguns dos nossos melhores poetas: João Cabral de Melo Neto, Jorge de Lima, Murilo Mendes. Um analfabeto não teria essa sensibilidade. (ALMEIDA in TEJO, 1974, p.19)

3.5 Mestre Ambrósio

Quando Chico César, na entrevista para o jornal Correio Braziliense, cita a importância de Zé Limeira para geração de músicos que despontou a partir da década de 1990, aponta para os artistas integrantes do movimento pernambucano Mangue Beat Chico Science e Otto (cantor solo egresso da banda Mundo Livre S/A).

Uma das bandas ilustres nesse movimento que, como outros artistas na história do Brasil, promoveu uma mescla de linguagens culturais nordestinas tradicionais com gêneros internacionais como rock e rap, é o Mestre Ambrósio. A filiação do conjunto a esse movimento pode ser atestada, por exemplo, em sua participação no documentário O Mundo é Uma Cabeça - Chico Science e o Mangue Beat. O nome do grupo se refere a um dos personagens de um folguedo existente na Zona da Mata de Pernambuco e sul do estado da Paraíba chamado Cavalinho Marinho. Essa manifestação cultural consiste em uma espécie de auto teatral com mais de 70 personagens mascarados e envolve música, declamação de texto, indumentária e coreografia. Nas palavras de Siba, rabequeiro e cantor do grupo, aos 6m45s do documentário,

[...] e o que deu embasamento foi o envolvimento da gente, cada um da sua maneira também, nos folguedos populares tradicionais. Quer dizer, eu aprendi a tocar rabeça brincando Cavalinho Marinho em Aliança lá com o Cavalinho do Mestre Batista, Mestre Salustiano [...] (Filme O Mundo é Uma Cabeça - Chico Science e o Mangue Beat)

Prosseguindo seu depoimento no documentário a respeito da mistura que o grupo faz, Siba diz aos 7min38s que

A sonoridade da gente, ela... ela é feita de elementos velhos, que tem a idade do Brasil, as vezes até mais do que a idade do Brasil. E que, pode até se dizer que não tem nada de novo, que é usar elementos de baião, de cavalo marinho, de maracatu rural, maracatu de baque virado, coco, ciranda, é... cantoria... ritmos brasileiros em geral... acho que o que torna a música da gente diferente é a forma como a gente liga os elementos. (Filme O Mundo é Uma Cabeça - Chico Science e o Mangue Beat).

Mestre Ambrósio cita Zé Limeira em título e letra em uma de suas músicas mais conhecidas, registrada em videoclipe. Trata-se da música Se Zé Limeira sambasse Maracatu. Como demonstram versos da composição de Siba, cantor e rabequeiro do grupo:

Vi Zé Limeira descendo do firmamento
Vi Zé Limeira descendo do firmamento
Um batalhão de jumento
Vinha tocando corneta
Mais de cem anjo perneta
Celebrando um casamento
[...] (site VAGALUME)

Siba, hoje em carreira solo, em entrevista para a Revista Trip, conta a respeito de suas origens enquanto morador da capital de Pernambuco, Recife; filho de advogado e de professora. Em dado momento de sua vida, passa a sentir em si o imperativo de cultivar as raízes culturais do interior de seu estado:

Eu tinha a intuição de que deveria me voltar para a cultura particular do lugar de onde eu venho, que é forte, rica, e que falava comigo antes de tudo. Logo me conectei com o maracatu do baque solto, que é o que define todo o meu caminho. (site REVISTA TRIP)

Esse gosto leva-o a se mudar, em 2002, para Nazaré da Mata, cidade da Zona da Mata, rica em tradições como Maracatu de Baque Solto e Cavalo Marinho. Esse processo, segundo o artista, não se deu sem choques culturais:

Lá, Siba era visto como alguém diferente. E de fato era. Um cara de classe média, com uma carreira na música já construída, que tentava encontrar ali um tanto de si mesmo. “Era realmente um lugar que, a princípio, não me caberia, mas que me coube. Era um mundo da classe trabalhadora, do cortador de cana. [...] Lá, quando eu conseguia tocar um pouco, já podia pegar um instrumento, quando conseguia cantar, me deixavam cantar, é uma cultura que estava aberta para mim, fui dando passos adiante até me tornar mestre de maracatu e ocupar certas posições que, até então, nenhuma pessoa de fora tinha ocupado.” (site REVISTA TRIP).

Uma parte bastante importante da entrevista de Siba para a revista TRIP conta de um momento de afirmação definitiva de sua identidade com as raízes culturais. Conforme conta, Mais do que descobrir como absorver e reinventar as culturas tradicionais com sua banda, ele

avança nas reflexões sobre seu papel como cidadão pertencente a essa tradição popular. Em 2013, quando os maracatus da Zona da Mata começaram a ser ameaçados pela polícia, que queria interferir nas celebrações em nome da “segurança pública da região”, a articulação de Siba foi central para trazer visibilidade à questão.

Essa situação me obrigou a pensar qual era minha posição na parada, porque não dava mais pra simplesmente fazer um disco baseado na música e na poesia do maracatu fazendo de conta que eu não sou quem eu sou, que eu não ocupo a posição que eu ocupo. (site REVISTA TRIP)

Ao mesmo tempo em que conta como de sua origem urbana e de classe média passou a se legitimar enquanto praticante de culturas tradicionais interioranas, Siba aponta a injustiça que ocorre pela via inversa. Ou seja, a dificuldade que os praticantes originários de tais culturas têm de alcançar projeção para além de suas comunidades. Segundo Siba,

Existiu o Mestre Ambrósio, o Cordel do Fogo Encantado, a Nação Zumbi, mas dá para contar nos dedos os artistas que de fato vem da cultura popular e que conseguiram se projetar individualmente. Existe um senso comum que diz cirandeiros vão ser sempre os cirandeiros, os maracatuzeiros, os poetas, os violeiros... Essas pessoas não têm nome", conta. (site REVISTA TRIP)

Essa fala é bastante significativa. Indica talvez que, se por um lado, as pessoas crescidas em meios urbanos e de condição econômica privilegiada podem se tornar legítimas praticantes de culturas de contextos muito diferentes dos seus; por outro, ainda possuem privilégios, mesmo que involuntariamente. É importante se ter consciência desses privilégios e se fazer um esforço para prestigiar as comunidades originais que cultivam essas culturas, trazendo a estas, se assim o desejam, a merecida visibilidade e condições para que suas tradições se perpetuem. É preciso que as pessoas egressas de fora não apenas se apropriem e lucrem dessas culturas sem lhes dar a merecida contrapartida.

2.4 – Cabruêra

O movimento Manguê Beat, oriundo de Pernambuco, alcançou projeção nacional com sua proposta de hibridismo musical entre o meio urbano e o rural; o regional e o internacional e entre o tradicional e o moderno, no contexto da década de 1990. Como reverberação desse movimento, ou em paralelo a este, uma cena de características semelhantes se gestou no estado vizinho da Paraíba. Nas palavras de GALDINO,

Em meados dos anos 1990, vários grupos musicais surgiram na Paraíba com a característica de rearticular elementos da tradição nordestina e da sua diversidade musical - como o coco-de-roda, o maracatu e o forró - com tendências estéticas globais, dispostas no mercado mundial de bens simbólicos, como o rock'n roll, o jazz e a música eletrônica, entre outros. Estes grupos parecem ter participado da reconfiguração de um universo simbólico que já havia no estado, definido geralmente por seus agentes - tanto os produtores de música quanto os seus consumidores - como "cena da música independente". Dois destes grupos alcançaram um valioso reconhecimento tanto no país quanto no exterior e ainda hoje parece (sic) ter um grau elevado de legitimação neste universo: o Cabruêra, de Campina Grande e o Chico Correa e Eletronic Band, da capital João Pessoa. (GALDINO, 2010, p.12).

O canal de YouTube Dosol TV realizou em 2018 uma entrevista com Arthur Pessoa, integrante da banda paraibana Cabruêra. Neste programa, aos 2:30 o apresentador Dosol cita a “herança do Mangue Beat”, grupos que, desde a década de 1990, fazem esses tipos de hibridizações musicais. A esse respeito, Pessoa diz, aos 2:38: “Eu acho que o Mangue Beat retomou o que a Tropicália tinha retomado da Semana de 22 já, da Semana de Arte Moderna.” Interessante notar o paralelo traçado por Pessoa entre o Mangue Beat e outros dois movimentos anteriores (Tropicália e o movimento da Semana de Arte Moderna de 1922). Ambos foram compostos essencialmente por pessoas de uma classe média urbana e letrada, que dialoga com elementos de culturas populares tradicionais. Ainda de acordo com Pessoa, aos 53 segundos de entrevista ,

Ah, a Cabruêra nasceu em Campina Grande, né, dentro da universidade, na época eu fazia Ciências Sociais com a área de concentração em Antropologia, já estava me interessando, comecei a me interessar mais por Etnomusicologia, e pesquisar, e descobrir, mais profundamente a obra da música nordestina, dos clássicos, dos medalhões, a obra de Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro... (canal Dosol TV, YouTube)

Uma das canções do grupo Cabruêra, Auto de Zé Limeira, assim como Mestre Ambrósio, cita o poeta no título e contém versos com visões fantásticas. Conforme transcrição de trecho da letra:

No sertão, sob o sol da Borborema.
Numa terra regada a pedra e osso
O lagarto equilibra seu pescoço
Com a cauda apontando a parte extrema
O seu corpo parece um teorema
De incógnitas perdidas na paisagem
Há um corte suspenso nessa imagem
Vertical, fura o Jabre as nuvens raras.
Batizado nas águas do Espinharas
Zé Limeira parece uma visagem. (site VAGALUME)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou traçar visões e relações entre culturas provenientes de meios letrados com elementos da cultura oral, enfocando a figura mítica do poeta Zé Limeira. Partiu-se inicialmente da ampla divulgação que o intelectual Orlando Tejo fez da obra textual do Poeta do Absurdo para meios eruditos para além de seu meio de cantadores rurais. Nessa exibição da obra de Limeira a outros círculos, apontam-se possíveis visões preconceituosas da cultura letrada sobre a sua obra, bem como sobre a de culturas iletradas de uma forma geral. Também se problematiza a questão da falta de registros documentais que ocorre nas culturas orais que leva a incertezas a respeito de questões de autoria, ou mesmo, em casos como o de Zé Limeira, a dúvida a respeito da própria existência da pessoa.

A partir da louvação de Orlando Tejo à “musicalidade” do texto de Zé Limeira, o presente artigo busca apontar referências ao poeta constantes na fala, produção lírica e citação de alguns músicos de diversas gerações da música brasileira. Através dessas características, apontamos que, de certa forma, esses músicos prosseguiram fazendo um diálogo parecido ao de Orlando Tejo entre cultura letrada e cultura oral.

Os músicos escolhidos para este trabalho foram o rapper Emicida, Belchior, Zé Ramalho, Vital Farias, Chico César, Siba e sua antiga banda Mestre Ambrósio e, por fim, o grupo paraibano Cabruêra.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL. **Grandes cordelistas.**

Disponível em: <http://www.ablc.com.br/o-cordel/grandes-cordelistas/>. Acesso em: 16 set. 2021.

ACERVO CULTURAL ZÉ RAMALHO. **Peleja de Zé Ramalho com Zé Limeira.**

Disponível em: <https://acervoculturalzeramalho.blogspot.com/2012/09/peleja-de-ze-ramalho-com-ze-limeira.html?m=1>. Acesso em; 15 set. 2021.

AMBRÓSIO, Mestre. **Se Zé Limeira sambasse maracatu. Vagalume.** Disponível em:

<https://www.vagalume.com.br/mestre-ambrosio/se-ze-limeira-sambasse-maracatu.html>. Acesso em: 15 set. 2021.

BELCHIOR. *In*: DICIONÁRIO Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Rio de Janeiro.

Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/belchior>. Acesso em: 15 set. 2021.

CÉSAR, Chico. Chico César fala, em entrevista ao correio, sobre poesia e música. Entrevistador: Severino Francisco. **Correio Braziliense**, Brasília, 22 out. 2016. Seção Diversão e Arte. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/10/22/interna_diversao_arte,554294/chico-cesar-fala-em-entrevista-ao-correio-sobre-poesia-e-musica.shtml. Acesso em 11 set. 2021

EMICIDA - AmarElo (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte) part. Majur e Pablllo Vittar. **Youtube**, 25 jun. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>. Acesso em: 12 set. 2021.

FARIAS, Antônio Clécio Lavor. Vital Farias canta Zé Limeira. **Youtube**, 03 fev./2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=El_xdVCMIRA&t=43s. Acesso em: 15 set. 2021.

GALDINO, Giancarlo da Silva. **Para poderembolar: o mercado e as identidades no Universo da música "independente" paraibana**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2010.

O MUNDO é uma cabeça - Chico Science e o Mangue Beat (documentário). Post by DJ Elcy. Direção: Claudio Barroso e Bidu Queiroz. **Youtube**, 31 ago. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RLuDsN-ptTQ>. Acesso em: 14 set. 2021.

PESSOA, Arthur. Entrevista Arthur Pessoa (Cabruêra). Entrevistador: DosolTV. **YouTube**, 04 maio 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WcIwAyHEZcc>. Acesso em: 24 fev. 2022.

PODCAST analisa trajetória do verso 'ano passado eu morri' de Zé Limeira a Emicida. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 maio 2021. Seção Podcasts. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2021/05/podcast-analisa-trajetoria-do-verso-ano-passado-eu-morri-de-ze-limeira-a-emicida.shtml>. Acesso em 14/09/2021. Acesso em: 13 set. 2021.

RAMALHO, Roberta. **Biografia: Zé Ramalho**. Disponível em: <https://www.zeramalho.com.br/biography-pt-br>. Acesso em 16/09/2021.

TEJO, Orlando. **Zé Limeira - o poeta do absurdo**. Edição da Embaixada Cultural de Pernambuco no Estado do Rio Grande do Norte. João Pessoa, 1974. 282p.

UM CIDADÃO do mundo: Multiartista Vital Farias completa 70 anos e conversa sobre sua trajetória artística e política com o Jornal da Paraíba. **Jornal da Paraíba**, João Pessoa, 23 jan. 2013. Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/cultura/2013/01/23/um-cidadao-do-mundo>. Acesso em: 16 set. 2021.

VITAL Farias. In: DICIONÁRIO Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/vital-farias/>. Acesso em: 15 set. 2021.

A VOLTA do que não foi. **Estadão**, São Paulo, 03 mar. 2014. Seção Cultura/Música. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,a-volta-do-que-nao-foi,1136977>. Acesso em: 16 set. 2021.

ZACCARO, Nathalia. Mestre Siba. **Revista Trip**, São Paulo, 23 set. 2019. Disponível em:
<https://revistatrip.uol.com.br/trip/siba-fala-sobre-coruja-muda-anderson-miguel-maracatu-politica-e-arte>. Acesso em: 14 set. 2021.

ZÉ Limeira documentário. **Youtube**, 22 ago. 2016. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=eqoCjBIyiEc>. Acesso em: 13 set. 2021.